



OS ÍNDIOS RIO-GRANDENSES MODERNOS

P.^e Balduino Rambo, S. J.

O presente trabalho faz parte do polígrafo organizado e distribuído pelo autor a seus alunos de Etnografia e Etnologia, currículo do Curso de Geografia e História, da Faculdade de Filosofia da Universidade do Porto Alegre.

NO SÉCULO XVI, pouco ou nenhum influxo sentiram os índios, nem da parte dos castelhanos ao Sul e Oeste, nem da parte dos portugueses ao Norte. No século XVII os jesuítas cristianizaram os gês guaranizados do Centro-Oeste, fazendo excursões até o "Caáguá" (Alto Caf) e estabelecendo suas estâncias na Campanha do Sudoeste e no planalto até a "Vacaria". Ao mesmo tempo, os vicentistas entravam pela Lagoa dos Patos e tributários do Guaíba, e os bandeirantes incursionavam pelo planalto.

No século XVIII, a imigração açoriana e o conseqüente entrecchoque com os espanhóis expulsaram os índios de toda a metade meridional do Estado.

No século XIX, o estabelecimento de estâncias no planalto, a partir das antigas reduções, de Viamão e de Lajes, seccionou o reduto do planalto. A colonização teuta, por volta de 1860, tinha aliado os índios das fraldas da Serra Geral. E a colonização itálica, no início deste século, fizera o mesmo em relação ao "Campo dos Bugres", ao Sul do Rio das Antas.

No século XX principiou a corrida da colonização para as matas do alto Uruguai. Desapareceram os toldos entre o Rio das Antas e o Pelotas, bem como os do Inhacorá e Turvo, no Oeste.

Assim se explica que hoje apenas reste um curto trecho das matas do alto Uruguai como derradeiro refúgio dos selvícolas: é o território entre os rios Guarita e Passo Fundo, já seccionado pela zona de colonização ao longo da estrada Palmeira-Iraí.

Se aqui tentamos um estudo sobre estes restos de indígenas, é preciso ter em vista que unicamente nos referimos aos de Nonoal, e que os conhecemos só por uma visita de duas semanas. Como, po-

rém, os de Guarita são do mesmo tipo antropológico, lingüístico e cultural, resultará um quadro de conjunto, embora deficiente.

TERRITÓRIO — Tanto os de Guarita quanto os de Nonoal vivem em reservas federais. O de Nonoal mede cerca de 50 quilômetros quadrados, confinando a Leste com as circunvizinhanças da vila do mesmo nome, a Oeste, com o Rio da Várzea (antigo Uruguaipuitá), alargando-se ao Sul pelo campo afora e se internando ao Norte pela selva marginal do Uruguai, sem tocar neste rio. A porção campestre é interrompida por pinhais e matos de galeria. A zona selvática é cortada por arroios com mato alto onde aparecem pinheiros, sem apresentar por isso mesmo, o tipo característico da mata marginal do Uruguai.

CARACTERES RACIAIS — Todos os índios por nos observados são de *estatura pigmóide*, tanto os caingangues quanto os guaranis. Principalmente nos caingangues se acentua a grande uniformidade de caracteres raciais, sendo raros os casos discordantes. Ficamos surpreendidos com os traços flagrantemente "mongóis" evidenciados pelos caingangues: um rapaz da escola do Pósto é um legítimo "japonesinho".

LÍNGUA — Dentre os 600 índios que, aproximadamente, vivem no Pósto, 550 são caingangues. Os 50 restantes são guaranis. As línguas diferem radicalmente. Os guaranis falam o idioma na sua forma paraguaiá (terra de origem), enxertado com palavras castelhanas. Os caingangues usam um dialeto gê, com muitas palavras portuguesas. Entre os guaranis, os homens todos falam, ou pelo menos entendem, o português, as mulheres falam no pouco, as crianças pe-

quenas não o conhecem, e os rapazes o aprendem na escola do Pósto. Entre os caingangues, que vivem dispersos pelo território, bom número de adultos não fala português. Entre seus membros, ambos os grupos só falam a sua língua.

OS CAINGANGUES

ECONOMIA — Os "antigos" só conheciam a caça, a pesca e a coleta de produtos vegetais espontâneos, principalmente pinhões. Sob a influência do ambiente e da educação proporcionada pelo Pósto, hoje plantam milho, feijão, batata doce e criam galinhas. Não fazem provisões, mas retiram da roça o que é preciso para o consumo cotidiano.

HABITAÇÃO — Os ranchos antigos são mais e mais substituídos por construções de tábuas (fornecidas pela serraria do Pósto), cobertas de palha. No interior não há compartimentos. O fogo se faz no chão. Educados pelo Pósto, pouco a pouco começam a montar uma espécie de jirau para dormir, dado que antigamente se deitavam simplesmente no chão.

VESTUÁRIO — Andam vestidos à nossa maneira, embora geralmente bastante esfarrapados. Nos vestidos das mulheres notam-se "modas" (por exemplo, o "babador"), já de há muito esquecidas pelos civilizados.

ALIMENTAÇÃO — Principalmente vegetal, pois a caça é pouco rendosa. Assam milho verde, cozem batata doce, soam o milho maduro e dêle fazem uma espécie de sopa ou papa grossa.

Os "antigos" não praticavam a cerâmica nem tinham panelas de ferro. Em vez disso usavam o forno terrestre, reminiscência que por vezes ainda hoje sobrevive. (*) É uma cova de vários palmos de profundidade, em cujo interior, revestido de pedras, se acende o fogo. Quando as pedras se tornam incandescentes, retiram-se as branzas e a cinza, colocando-se no forno primitivo o animal em pêlo (paca, porco-do-mato, etc.), retiradas apenas as vísceras. Coloca-se por cima uma camada de folhas vegetais e em seguida se fecha tudo com terra.

ARMAS — Etnologicamente, a arma que mais interessa é a "clava de bastão, usada por estes descendentes dos Ibiráíras, os "senhores do pau". Ainda aparece freqüentemente vezes nos caingangues modernos. Num exemplar de cerne de alecrim (*Holocalyx Balansae* Micheli), o comprimento é de 63 cm, com o péso de cerca de 600 gr. A metade posterior é cilíndrica, com 3 cm de diâmetro, terminando por um furo no qual se amarra uma alça para enfiar no pulso. A parte anterior

toma insensivelmente forma retangular, com 3x2 cms. A ponta é brevemente adelgaçada, em forma de pirâmide.

Em outro exemplar mais tóscico, a alça de fibra de urtigão se prende a um sulco, e o corpo é unilateralmente adelgaçado em cunha, resultando uma espécie de facção de pau. A clava de bastão, outrora terrível instrumento de combate, para golpe e arremesso, hoje em dia lhes serve para defesa contra cobras e cachorros. Num caso de morte, registrado há algum tempo, um caingangue matou a um caboclo a golpes desta clava.

O ARCO — Ainda hoje está presente nas mãos de quase todos os caingangues. Já nos referimos várias vezes a êle. Aqui daremos uma descrição completa. O material usado é geralmente o cerne de guajuvira (*Patagoniella americana* L.). Em alguns casos é cerne de guatambu (*Balfouridendron Riedellianum* Engl.), árvore que só existe na zona do alto Uruguai. Os arcos dos meninos são muitas vezes de pau de cutia (*Pileocarpus Selloanus* Engl.) ou cerejeira do mato (*Phyllocalyx laevigatus* Berg.). O comprimento dum exemplar é de 157 cm, e de outro, 150 cm. O diâmetro é de 2-2,5 cm, isto no meio do arco, observando-se em direção às extremidades, um adelgaçamento uniforme até 1 cm de grossura, nas pontas. A face externa da curvatura mostra um aplanamento, de extremidade a extremidade, de 1,5 cm de largura. As pontas terminam em pino de 1,5 cm de comprimento e 5 cm de grossura, obtido por uma incisão mais pronunciada na parte externa do que na interna. A corda é de fibra de urtigão (*Ureca bacillifera* Gaud.) cuidadosamente torcida, de dois fios, sem ulterior preparação, com 2-3 mm de grossura. É amarrada firmemente numa extremidade do arco, enquanto que na outra apresenta uma alça simples, que se enfia sobre o pino, para o uso imediato. Retira-se a corda do pino, toda vez que a arma esta em descanso. Em geral, o arco exhibe a superfície natural da madeira. Em outros casos sofre um revestimento de casca de guaimbé (*Philodendron Sellowii* S. Koch) enrolada, cobrindo toda a extensão ou um só trecho de 30-40 cm da metade para a extremidade superior da arma.

AS FLECHAS — Os caingangues já não usam pontas de ossos ou pedra nas suas flechas. Classificadas segundo a ponta, elas se ordenam em quatro tipos:

a) *Ponta de madeira, cilíndrica, sem farpas.* O comprimento total de um exemplar examinado é de 152 cm, cabendo 48 à ponta. Esta se encaixa na haste de taquara rachada e reforçada por um enrolamento de casca de guaimbé, de cerca

(*) Daí o assado com couro, dos gaúchos antigos, provavelmente.

de 10 cm. Conservando quase a mesma grossura da haste, só se adelgaça um tanto na parte superior, terminando em cone agudo de 1 cm de comprimento. O material sempre é cerúeo de *guatambu*. A emplumagem é tangencial em ponte, amarrada com barbante de fibra de urtiga.

b) *Ponta de madeira (guatambu) cilíndrica, unilateralmente forpada*. O comprimento da ponta, num exemplar, é de 28 cm. As farpas, começando a 5 cm da ponta, distam 5-6 cm entre si. São saliências de apenas 3 mm de altura e 1 cm de largura, de aresta cortante, obliquamente dirigidas para trás.

c) *Ponta de madeira "em pião"*. Este tipo, como a designação já o diz, tem a forma de pião. O material também nesta é *guatambu*. O corpo da ponta ora chega a 3 cm de diâmetro, ora só a 1 cm. Nos exemplares caingangues é sempre mais aguçado do que nos guaranis.

d) *Ponta de metal*. As flechas armadas com esta ponta diferem dos tipos anteriores por se comporem de três peças: haste, entrepeça de madeira (de 30-40 cm), e ponta. A entrepeça se encaixa na haste como as pontas acima descritas. A ponta, de 4-8 cm de comprimento e 1,5-3 de largura na base, sempre é triangular. Inseta-se, pelo "espínho" basal, na extremidade da entrepeça rachada e reforçada por um enrolamento de casca de *gualmbé*. O material é ferro, aproveitado de facas, aros de barril, ou outro metal, como cabos de colher e de garfo.

MODO DE ATIRAR — Os caingangues colocam a flecha pelo lado esquerdo do arco, sobre o polegar e o índice da mão esquerda que segura a arma, pegam a base da flecha só com o polegar e a tufice da direita, e desferem o tiro num movimento único e rápido. A "pontaria" é mais questão de avaliação e habilidade do que propriamente de olhos. Em tiro horizontal de distância longa, avaliam perfeitamente o desvio parabólico do projétil, produzido pela atração da terra.

Armas de fogo comuns, para caça, são atualmente concedidas aos índios. Mas, ao que parece, só também praticamente inexistentes. As armas de cintura estão proibidas.

CERÂMICA — Já não a conhecem. Talvez nunca a tenham praticado.

PRODUÇÃO DO FOGO — Usam geralmente fósforos hoje em dia. Conhecem, porém, e praticam ainda, a produção do fogo por meio dos pauzinhos de atrito. Empregam, para ambos os pauzinhos, a madeira seca da canela amarela (*Nectandra oppositifolia* Noes), cujos galhos, para tal fim devem ser colhidos de árvore que ainda está em pé. Pelo atrito incendia-se o pó desprendido que é apa-

nhado sobre um pano e inflamado pelo sopro.

TECELAGEM — Hoje já não a usam e talvez nunca a tenham usado. São hábeis em torcer cordões e barbantes da fibra de urtiga e da figueira do mato (*Urostigma subtripilnervium* Mart.).

TRANÇARIA — Esta arte ainda hoje é muito generalizada. A matéria-prima quase sempre é casca de taquara (*Merostachys* sp.), utilizando-se o cipó só como reforço, ou como material para cestinhas de brinqueio. A técnica da trança é simples. Quase sempre os elementos se trançam paralelos e perpendiculares à base. Em alguns casos a direção é oblíqua.

As formas mais comuns são as planas, retangulares, medindo 30x30x10 cm ou menores, com alça dupla finamente trançada e reforçada com costura de fibra. Parece-nos, porém, que tal forma não é original, pois até o nome de "cesta" lhe é atribuído pelos índios.

Outra forma é a de base quadrada e corpo redondo, com boca reforçada por um arco de madeira e tampa de encaixe. Nos exemplares pequenos deste tipo, geralmente feitos para vender, a tampa muitas vezes é trançada em grade.

O tipo mais original é o das cestas completamente redondas, de bôjo dilatado e boca estreita, lembrando perfeitamente as panelas dos gês antigos. Costumam cobri-las internamente com cera do mato, utilizando-as como "balde" para mel.

As cestas sempre apresentam bonitos desenhos coloridos.

INSTRUMENTOS DE PEDRA — Faz muito tempo que não se fabricam. Encontramos uma única mão de pilão antiga, belíssimo exemplar de meláfiro vermelho, e fragmentos de outra. Segundo as informações do Agente do Pósto, encontram-se raras vezes os "machados verticais".

CONDIÇÕES SOCIAIS — Perante a lei, os índios são considerados menores, debaixo da tutela dos Postos. O governo é exercido por índios responsáveis perante o Agente, com as denominações militares de coronel, major, tenente e cabo.

O casamento hoje em dia é o monogâmico e indissolúvel na forma da lei. É celebrado perante o coronel e registrado pelo Pósto. Os "antigos" podiam ter duas mulheres, não mais, e delas não se podiam separar.

O número dos filhos, como entre todos os selvícolas, é relativamente baixo, comumente de 3 a 4.

Antes da instalação do Pósto se verificava grande mortalidade infantil.

As condições higiênicas, principalmente de limpeza, são muito primitivas e de-

ficientes. Especialmente as crianças sofrem de vermes intestinais.

O hospital do Pósto cumpre, neste particular, uma missão de primeira ordem, bem como a escola local. "Já estaria morta, mas o sr. Francisco (o Agente), não quis que a buzra velha morresse". disse-nos uma anelã.

USOS FUNERÁRIOS — Os "antigos" enterravam os mortos envolvidos numa esteira, a 12 palmos de profundidade, em meio de cerimônias originais. Hoje em dia se faz o enterro em caixão, à maneira dos civilizados. Sobre o túmulo se coloca uma cruz. Muitas vezes junto à sepultura planta-se um cedro, (*Cedrela fissilis* Vell.) Ao atingir a grossura de uns 10 cm, é cortado à altura de metro e meio e aproveitado para travessa da cruz que se quer conseguir. O braço menor da mesma é feito com um dos galhos cortados. O tronco emite novos rebentos na base, de maneira que a cruz aparece no centro desses brotos. Reminiscências antigas são a orientação da cabeça para o sol nascente (elemento totêmico) e a construção dum rancho aberto, sobre o túmulo de pessoas particularmente estimadas (elemento matriarcal).

ADORNOS — Não observamos os colares típicos dos botocudos catarinenses. Ainda hoje as crianças são pintadas com círculos vermelhos e pretos, na face, por ocasião de casos de morte na família. Os "antigos" gostavam de se pintar assim para as festas, mas não usavam cores nem bodoques labiais.

SITUAÇÃO RELIGIOSA — Os caingangues modernos já estão mais ou menos integrados no cristianismo. Crêem em Deus, tirando o chapéu quando se pronuncia este nome. Muitos fazem batizar as crianças, outros não. O Regulamento da Proteção aos índios não interfere nas crenças religiosas, e dá plena liberdade. Os índios visitam a igreja, quando vão à vila, e falam muito dumha capela misteriosa que existiria em algum lugar da mata. Tudo isto é influxo do ambiente, pois os caingangues nunca foram catequizados pelos antigos jesuítas (cujas práticas os feiticeiros Ibiralaras contrafaziam e ridicularizavam), nem tiveram até agora instrução religiosa regular.

A figura central da "missa" que imitaram do catolicismo é o "cuiem", mescla de médico, guardião das tradições, vidente, sacrifico e chefe espiritual, enfim, o "feiticeiro" dos relatórios jesuítos. Conhecemos o atual "cuiem", um velho de mais de 60 anos, surdo, sabendo falar só a própria língua. Sua tarefa é a de curar os doentes por meio de ervas medicinais que conhece em quantidade, de ajudar com seu conselho em situações difíceis e de presidir à "missa". Esta é a denominação moderna, dada por analogia,

à reunião religiosa do povo. Os "antigos" lhe davam outro nome, o da erva que durante o "ofício" desempenha uma função ritual. Para este fim reúne-se todo o povo ou grande parte dele junto ao rancho de algum principal. Usam-se velas de cera silvestre e uma bebida de mel misturada com a tal erva (infelizmente não pudemos vê-la). Esta bebida se prepara numa grande gamela de cabriáva (*Myrcarpus frondosus* Fr. All) com dimensões várias, atingindo às vezes 10 pés de comprimento. Enche-se o recipiente com mel, ajuntam-se ervas e tapa-se tudo, até o momento da missa. Entre velas de cera e diversas cerimônias, o "cuiem" instrui o povo sobre o que deve fazer ou deixar de fazer para viver direito, para evitar secas e outras calamidades, enfim, aquilo é "como a missa". Costuma durar das 3 ou 9 da manhã até a tarde.

Infelizmente, estes dados fragmentários não permitem outra conclusão senão a seguinte: a "missa" dos caingangues é uma mescla curiosa de elementos originais e cristãos. Só a observação visual e minuciosa permitiria dizer até que ponto pertence ao patrimônio religioso antigo. A possibilidade de encontrar, debaixo do entulho moderno, elementos primigênicos, como ritos de iniciação, reminiscências do Ser Supremo (o "Topen-Tupá" dos Ibiralaras) é tão grande, que se tornam urgentes maiores e mais exatas investigações.

OS GUARANIS

O fato de se encontrarem índios guaranis no Rio Grande do Sul é ignorado pela maioria do público. Isto se explica, por ser sabido que desapareceram os guaranis das reduções jesuítas. Os de que nos ocupamos, contemporâneos, se acham localizados em Nonoai, há poucas dezenas de anos.

PARADEIRO — Os guaranis de Nonoai vivem reunidos num toldo junto ao Arroio Passo Felo, afluente do Uruguai, a 25 quilômetros de Nonoai e 15 do Pósto de Proteção. A região é selvática e bastante cortada. Uma picada, de trânsito precário, permite o acesso até lá, a cavalo.

O TÓLDO — Situa-se no lado esquerdo do arroio, numa pequena planície, que constitui uma língua de campo com pinheiros ao redor. As elevações circundantes estão cobertas de mata virgem. Consta de uns 10 ranchos habitados e dois galpões abertos, espalhados pelo território.

O POVO — Compõe-se das seguintes famílias: O cacique Vera com sua mulher Eva e três filhos homens: Caraf, Tataende, Quaraf; uma filha, Eva, e um neto pequeno: Caraf. O coronel Oquendá com

sua mulher Quereçu, dois filhos: Carafotá, e Caraf, e uma filha: Potejá. O tenente Cavé (geralmente chamado Sabino) com sua mulher Iaroquê (Catarina) e dois filhos: Tupaniú e Baracaú. Tupaniú (Manuel) com sua mulher Nhuroô e duas filhinas: Catuê e Cunbaparaí. Eduardo, com sua senhora Eva e um filhinho: Caraf, Caraf, com sua mulher Cajjerê, e dois filhos: Tendavaú e Jacafú, e uma filha, Taquala. Taju, com sua mulher Titi, um filho crescido, Nhemondabá, e uma filha, Nhemonpronté. Naan, com sua mulher Ialucá, sem filhos.

São ao todo 33 pessoas. Acrescem algumas outras, que moram mais longe, de maneira que resultam 40-45 pessoas.

TIPO RACIAL — São igualmente pigmóides, mas um pouco mais altos do que os caingangues. Alguns, com barba e bigode desenvolvido e traços europóides. Em geral a mescla racial é muito mais pronunciada do que entre os caingangues.

ECONOMIA — São antes de tudo agricultores, plantando milho, feijão, batata doce e algodão. As roças estão situadas num vale lateral. São bem cuidadas. Não fazem provisões: só o feijão é colhido em conjunto. Os outros produtos são colhidos na roça à medida que amadurecem ou dêtes se precisa.

Não criam gado, apenas galinhas. O Pósto forneceu porcos de cria, mas "os pobres animais ficaram cada vez mais magros, de maneira que foi preciso comê-los para não morrerem". Gostam de animais mansos, principalmente de papagalos, periquitos e caturritas, que aliciam por meio de companheiros presos em varas fincadas no terreno e pegam com laços. Havia também duas emas domesticadas no terreno.

HABITAÇÃO — Moram em casa unifamiliares, cobertas e tapadas nos lados com palha amarrada entre sarrafos de taquara. Só o cacique dispõe de uma casa com paredes de tábuas de pinho rachadas. Não há janelas. A porta, única e baixa, fica no lado curto da casa. Não há assoalho, nem compartimentos internos.

VESTUÁRIO — E' pobre e surrado, mas completo. Só os meninos pequenos andam meio nus.

ALIMENTAÇÃO — E' preferentemente vegetal; batata doce cozida, milho verde assado, papa de milho socado de tucano. A comida é preparada por cada família em separado, em panelas de ferro.

A bebida nacional é o caum, obtido pela fermentação do milho maduro socado (afirmam que não o mastam como antigamente). Tem um gosto amido, acidulado, levemente alcohólico e refrigerante.

CAÇA — São grandes caçadores, mais do que os caingangues. Agora o arco, utilizam várias espécies de mundéus. Um

dêtes é usado para animais que vivem em tocas: pacas, cutias, tatuas. Fazem um estreito corredor de estacas e armam sobre êle um tronco pesado, apoiado no chão por uma extremidade, e que cai sobre o animal ao entrar êste no corredor fatal.

ARMAS — Usam unicamente arco e flecha.

No arco, o material é guajuvira ou guatambu. Um exemplar tem o comprimento de 170 cm, e a grossura, no meio de 2,5 e nas extremidades 1,5 cm. Sua seção apresenta a forma perfeitamente circular. Nas extremidades se destaca um pino de 1 cm em cima e 2 cm embaixo. No pino mais longo se amarra a corda, no mais curto simplesmente se enfia a alça existente no outro extremo, abrindo os dois barbantes de que é formada. A corda sempre é de fibra de Jerivá (*Arcastrum Romanzoffianum* Mart. Becc.), cuidadosamente torcida, de dois fios, com a grossura de 5 mm.

Há quatro tipos de flechas, classificadas segundo as pontas:

a) Flechas com ponta de madeira em baloneta (taquapê). Num exemplar analisado, o comprimento é de 140 cm, cabendo 28 cm à ponta. Esta é de cerne de alecrim, achatada, de seção rômbrica, com 2 cm de largura máxima. A ponta é muito aguda e as faces, côncavas, do que resultam arestas cortantes. Junto à base há, de cada lado, duas incisões, de feição triangular, sem formar farpas propriamente ditas. A emplumagem é tangencial em ponte. Sua amarração, bem como a do encaixe da ponta, é sempre de casca de gualimbé.

b) Com ponta de madeira unilateralmente farpada (niaci). A ponta, igualmente de alecrim, tem 24 cm de comprimento e seção elíptica, adelgada de um lado, no qual se acham alinhadas 5 farpas, distantes 4 cm uma da outra, de aresta cortante e base reta, incisadas no próprio corpo da haste, prolongando-se cada uma até a outra.

c) Com ponta de plão (guirapia). São da mesma estrutura geral que as dos caingangues, mas o plão mede até 4 cm de diâmetro e termina em pino arredondado, de 1 cm. de diâmetro.

d) Com ponta de ferro, para anta. Sobre a entrepeça de apenas 4 cm, se encaixa a ponta lanceolada, de 13 cm de comprimento e 2,5 de largura máxima, sem farpas propriamente ditas.

Os arcos de uso geralmente não têm nenhum adorno. Nos do guatambu, madeira clara, muitas vezes se colocam anéis largos, de casca de gualimbé escura. Os arcos que fazem para vender a turistas e curiosos são totalmente cobertos dum trançado de taquara e gualimbé, com

desenhos anulares e espirais de belo efeito decorativo.

MODO DE ATIRAR — O guarani apanha a flecha, na base emplumada, com o indice e o polegar da mão esquerda, entesando a corda com os outros três dedos.

PESCA — As flechas de ponta unilateralmente farpada servem para pescar. Usam ainda uma planta "ictiótera", com a qual preparam um veneno para pelxes. A fim de conseguilo, tomam a casca e os rebentos novos duma espécie de Paullinia, cipó grosso do mato, socam-nos com água e derramam o resultado da operação, um suco espumante, sobre águas preferentemente tranqüilas. Os pelxes "ficam como bêbados" e morrem. Segundo os guaranis, os caingangues usam para o mesmo fim a casca de maria-preta (*Diatenopteryx sorbifolia* Radlk.). A carne do peixe nada sofre com isto.

TECELAGEM — Usam como matéria-prima a fibra do urtigão. Para este fim arrancam a casca dos rebentos viçosos, extraem-lhe os fios, tratam-nos com água quente contendo cinza e os torcem sobre a coxa.

O tear é um simples quadro de madeira fixado no chão. Estendem primeiro os fios verticais, separam-nos depois, trecho por trecho, com um instrumento de madeira parecido com uma espada romana e passam os fios com a própria mão.

Obtêm assim suas rédes de dormir, grosseiras e pesadas, ornadas de faixas longitudinais tingidas de cor parda, obtida pelo decocto da madeira do alecrim. Além disso fazem uma espécie de manta, que os homens levam ao redor do pescoço, de 7 cm de largura por 1 metro de comprimento, ornada de faixas coloridas longitudinais e terminada em borlas de penas de tucano.

TRANÇARIA — Afora o tipo "cesta" dos caingangues, fazem cestos maiores (jacás), de folhas de palmeira. Um tipo peculiar é a cesta plana (23x20x9 cm), de borda reforçada com madeira. Bonitos desenhos são obtidos pela alternância de taquara com casca de guaimbé em cores naturais. As penas de farinha (urupé), executadas em taquara com borda reforçada de madeira, apresentam no centro um quadrado de 18 cm de lado, abrindo malhas de 0,5 mm de vão.

TRASTES DOMÉSTICOS — Fora das panelas de ferro e dos porongos para transporte e depósito d'água, o mais importante é o almofariz para socar milho (anguá), com a pesada mão de pilão de duas cabeças (anguarai). Ambos, almofariz e mão, de madeira.

CONDIÇÕES SOCIAIS — As disposições legais são as mesmas que regem os caingangues, evidentemente. Nota-se, porém, um nível decididamente mais alto

entre os guaranis. São sociáveis, alegres, comunicativos e de uma certa urbanidade natural.

CERAMICA — As panelas por eles próprias fabricadas, já há muito foram substituídas por panelas de ferro. Mas os conhecimentos da olaria antiga ainda não se perderam completamente. A pedido, o cacique Vera nos fez um vaso de barro; de estilo moderno (terrina), mas com técnica antiga. Usam barro misturado com cinza de madeira e de ossos e técnica de espiral.

Fazem ainda hoje os seus cachimbos de barro. Os cachimbos guaranis são inconfundíveis: na extremidade de um curto tubo retangular está a fornalha em forma de funil, prolongada na frente por meio-circulo radialmente inclinado e com um orificio redondo no centro. No tubo de barro insere-se o bocal de taquara, ajustando-o com cera.

ILUMINAÇÃO — A iluminação é fornecida pela fogueira acesa dentro da casa. Durante as danças noturnas usam velas. Para fabricá-las, manuseiam um pedaço de cera silvestre, transformando-o em longa corda, que se enrola espiralmente ao redor duma tira de fazenda servindo de mecha. Gradam-se estas velas numa parede ou em algum poste, obtendo-se assim uma iluminação suficiente.

TRADIÇÕES HISTÓRICAS — Os guaranis do Passo Feio são de origem paraguaia. Vieram de lá há uns 60 anos. Ainda hoje mantêm relações com parentes do Paraguai e de Missões. Estabeleceram-se primeiramente no rio Chapecó, afluente catarinense do Uruguai, distando uns 50 quilômetros do Passo Feio. Vindos de lá, transpuseram o Uruguai faz uns 10 ou 15 anos. Parte do povo ficou no reservado, entre o Chapecó e o Chopózinho.

Perguntados sobre os motivos dessas migrações, afirmam que "os jesuítas" lhes disseram que fossem sempre pelo mato até chegar ao Paraguai (mar grande). Parece que nisto sobrevive o impulso atávico dos tupis-guaranis para o Leste.

CANTO — Conhecem uma série de cantos breves, melancólicos, que indubitavelmente pertencem ao repertório dos guaranis paraguaios, civilizados há três séculos. Um deles, o "Canto do Guarani", apresenta muitas palavras castelhanas, como "tipo", "primeiro de marzo", "viva Sorano Rope (Solano Lopes)", "Paraguai retan", etc. Os rapazes e moços os cantam cheios de entusiasmo e com os olhos negros chispando fogo.

SITUAÇÃO RELIGIOSA — Os mais velhos estão todos batizados. As crianças nascidas no Rio Grande do Sul em parte não o são. Crêem em Deus e se

consideram cristãos. Não sabem rezar, mas pedem santinhos e medalhas. Das crenças antigas parece não haver tradição. Evidentemente descendem de guaranis outrora cristianizados pelos jesuítas.

O "BORAI" DOS GUÁRANIS — Assistimos durante quase três horas ao seu "borai" (canto). Pelas 8 horas da noite, todo o povo se reúne na casa do cacique. Contamos 37 pessoas. As mulheres e os homens mais velhos ficam sentados em bancos de tábuas ao longo da parede comprida. Os rapazes e os moços se colocam em fila perto da parede oposta. As meninas pequenas e de meia-idade, em outra fileira atrás deles. Diante dos rapazes no extremo da casa, junto à parede, está o cacique.

A dança é iniciada pelos primeiros sons da viola do cacique ("maracá": antigamente um instrumento de taquara com uma corda única, hoje uma viola moderna com 10 cordas de aço). Imediatamente entram as mulheres, batendo no chão com um tubo de taquara de 1 m de comprimento, aberto em cima, sem nó interno, e fechado embaixo (taquá), marcando o ritmo. Um ou dois rapazes fazem o mesmo com o maracá-mirim, pequeno porongo com cabo, enfeitado de penas de tucano e contendo sementes de iuá (*Cardiospermum halicacabum* L.), que sacodem ritmicamente.

Começa então a dança. O cacique acompanha os sons monótonos do violão repetindo sempre, com força e altura diferente, as mesmas palavras que soam como "há-é, há-é, há-é". Ao mesmo tempo caminha em passo cadenciado para um e outro lado, diante dos rapazes, sempre voltado de costas para eles. Os rapazes e as meninas, estas últimas acompanhando a dança com o taquá, repetem as palavras do cacique, enquanto este anda da direita para a esquerda e vice-versa. Resulta assim um movimento rítmico de valvém alternado, às vezes interrompido por pequenos avanços e recuos de todo o conjunto. Passados cerca de 20 minutos, o canto do cacique torna-se mortício e ele se cala de repente, emudecendo de imediato o maracá-mirim e os taquás das mulheres. Depois de breve pausa, o cacique diz alguma coisa (pergunta se estava bom o canto) e toda a assistência responde no mesmo tom litúrgico e abafado: "Sim, estava muito bom." Nova pausa breve e repete-se a dança. E assim duas ou três vezes. No fim, dissolve-se o conjunto, vindo todos dar a mão e dizer as "boas-noites" aos visitantes. O tenente, espécie de mestre-de-cerimônia, vem a cada um de nós (o Agente, seu capataz e nós) e pergunta cerimoniosamente em português se esteve bom o canto.

Decorridos uns 15 minutos de descanso, encena-se outra dança semelhante, agora chefiada por Eduardo. O ritmo, desta vez, é mais agitado, mas as evoluções, semelhantes. Pelo final o "há-é" assumiu modulações mais variadas. Tivemos por vêz a impressão de ouvir ecos do "Ite missa est", da missa gregoriana de Angelis. Terminou tudo com as "boas-noites" de cerimônia.

A dança seguinte foi chefiada pelo moço Nhacá. Desde o começo mais movimentada, a dança cedo se transformou em evoluções circulares, nas quais ora os rapazes, ora as meninas formavam o círculo interior.

Tinham passado duas horas, quando resolveram dançar um "exercício". Os rapazes e moços (as meninas não tomaram parte), se colocaram em fila no mesmo lugar de sempre, mas o tocador de violão (Quaraf, filho do cacique de meia-idade), conservou-se sentado à parte. Aos primeiros sons começaram a dançar em redor, num quadrado de ângulos adoçados, da direita para a esquerda. De corpo inclinado, os braços frouxamente estendidos para a frente, saltavam em ritmo, dando uma volta sobre si em cada ângulo. Ora mais lenta, ora mais rápida, no meio de gritos e risos alegres, este exercício durou quase meia hora, até que os rapazes ficaram exaustos e ardoendo de calor. No fim passaram diante dos visitantes e, por entre voltas, gestos e evoluções, nos deram as "boas-noites."

Procuramos informar-nos sobre o sentido deste "borai". Foi ensinado pelos jesuítas. A significação de "há-é" não souberam explicar. Mas "é como reza". O cacique Vera, perguntado, fez breve e eloquente alocução em guarani, indicando, com grande reverência, o céu. Interpretaram-nos as palavras dele, mais ou menos assim: o borai foi ensinado pelos jesuítas; fazemo-lo todas as noites como reza, "para que tudo no mundo esteja em ordem".

Circulava entretanto a garrafa de cauí e o cachimbo (petei-guá) do cacique, do qual cada um aspirava algumas baforadas.

Antigamente acompanhavam o ritmo do borai com um tambor de cedro com pele de cutia. Mostraram-nos um exemplar velho, de tal tipo. Usavam também cocares de pena de papagaio e tucano.

O sentido íntimo destas danças é claramente religioso. Seria tarefa da Etnologia analisar os elementos, separando os modernos da herança antiga.

ADORNOS — Quase todas as mulheres e meninas, mesmo as pequenas, usam colares. São enfiados com um barbante de fibra de urtigão, com sementes pretas de iuá (*Cardiospermum halicacabum* L.), sementes cinzentas de "lágrimas de Nos-

sa Senhora" (Coyx lacrima L.), contos de vidro, tubinhos de osso (perna de saracura) e de vidro, borlas de pena de tucano e outras bagigangas "civilizadas". As meninas usam braceletes do mesmo estilo. Vimos, nas mãos duma criança, um boneco talhado em madeira.

O PÔSTO DE PROTEÇÃO

Não é nossa finalidade analisar os esforços do governo para proteger e educar os índios. Queremos unicamente citar os fatos positivos que operam benéficamente a favor dos selvícolas.

O Pôsto, debaixo da direção do Agente, Sr. Francisco José Vieira dos Santos, está situado a 7 quilômetros de Nonoai, na orla do Mato. Compõe-se dos seguintes edifícios: a casa da administração, incluindo a escola e tendo anexo um galpão para o pernoite de índios que vêm de longe, o hospital, um grande armazém, a casa do capataz, um grande estábulo e várias dependências menores.

A ADMINISTRAÇÃO — Comparecem a ela todas as semanas os coronéis, tenentes e cabos, para prestar informes e receber instruções. Assim também todos os outros, conforme suas várias necessidades. O Agente superintende tudo, mas o governo interno está confiado a autoridades por ele nomeadas.

A ESCOLA — É regida pela esposa do Agente, mais uma professora auxiliar. Cerca de 30 crianças caingangues e guaranis recebem ensino primário adaptado a estas circunstâncias especiais. Tivemos ocasião de presenciar provas de leitura, escrita e canto, que constituíram uma demonstração honrosa tanto para o esforço e a bondade das professoras, como para a capacidade das crianças. Até uma tropa de escoteiros está sendo organizada pela incansável D. Helena Auduch Vieira dos Santos.

O HOSPITAL — Provido já com os recursos de primeira necessidade, trata todos os casos de doenças entre os índios. Também aqui se fazem sentir os cuidados

maternais de D. Helena e da professora auxiliar.

O ARMAZÉM — Não se guardam os produtos da agricultura obtidos das plantações do Pôsto, para os gastos correntes com o sustento dos doentes e suas famílias, assim como dos numerosos hóspedes. Basta dizer que, em certos dias, perto de cem pessoas recebem comida e agasalho no Pôsto.

A CRIAÇÃO — O estábulo e a criação de gado nos campos do Pôsto têm finalidade dupla: de servir diretamente para os gastos diários e de ensinar aos índios a criação de animais.

Do que aí fica, podemos concluir o seguinte:

No Rio Grande do Sul existem restos de primitivos, com muitos elementos antigos. Mas até hoje ainda não se fizeram entre nós estudos etnológicos de conjunto. Há apenas no Estado, uma vasta literatura dispersa, contendo elementos preciosos, sobre o assunto.

Segue-se, pois, que qualquer pesquisa ou trabalho, por mais modesto que seja, representa ainda uma contribuição valiosa para a Etnografia e a Etnologia, ciências que pertencem ao patrimônio cultural de toda nação civilizada.

Não podemos terminar este capítulo sobre os índios de Nonoai, sem uma palavra de gratidão ao Agente e sua exma. esposa. Essa gratidão se refere em primeiro lugar ao que fizeram e fazem em prol dos últimos descendentes dos rio-grandenses mais antigos. É uma reparação oficial dos males que três séculos de perseguição infligiram aos pobres selvícolas. Em segundo lugar, assume um caráter pessoal, pois é a hospitalidade, às informações, à companhia nas viagens, à ajuda de toda espécie, que vemos os conhecimentos acima expostos.

